

PAISAGEM DO PARAÍSO

Em torno de uma gravura de Fayga Ostrower

Está nessa horizontal tão límpida
Nessa linha pacífica que, serena, é moldada:
Na tranquilidade das espécies que são planas
que são lisas

Uma linha que exprime a intercessão
De superfícies que estão na irrealidade
De próximos e simultâneos, do equidistante e do longínquo
– Linha branca que nunca será
Linha de fogo, linha de sangue.

Uma substância que se evolui,
Que se liquida em matéria, que se dilui em nuvem
Uma repercussão, uma pertencência
reprodução
Uma apropriação de horizontes
Pelas águas paradas e pobres, humildes e oprimidas
Entre um chão aquoso e uma pressão de névoa.

Está numa pré-aqua dentro de um nimbus
Mas que reflete os desertos de todos os mundos
Prenuncia lagos por toda parte; praias de todos os mares
[mortos
E que sugere as florestas, as tundras, as charnecas, as savanas
Nos espaços inacessíveis do Universo.

Uma chuva de fios tecidos: tapeçaria de muito alto liço
Que eternamente um tecelão teceu.

E alguma coisa mais – não sei! seria um Ar
À espera de alguém. À espera de quem possa respirá-lo
À espera de alguém, que um dia, há de chegar nessa paisagem;
Paisagem do Paraíso.